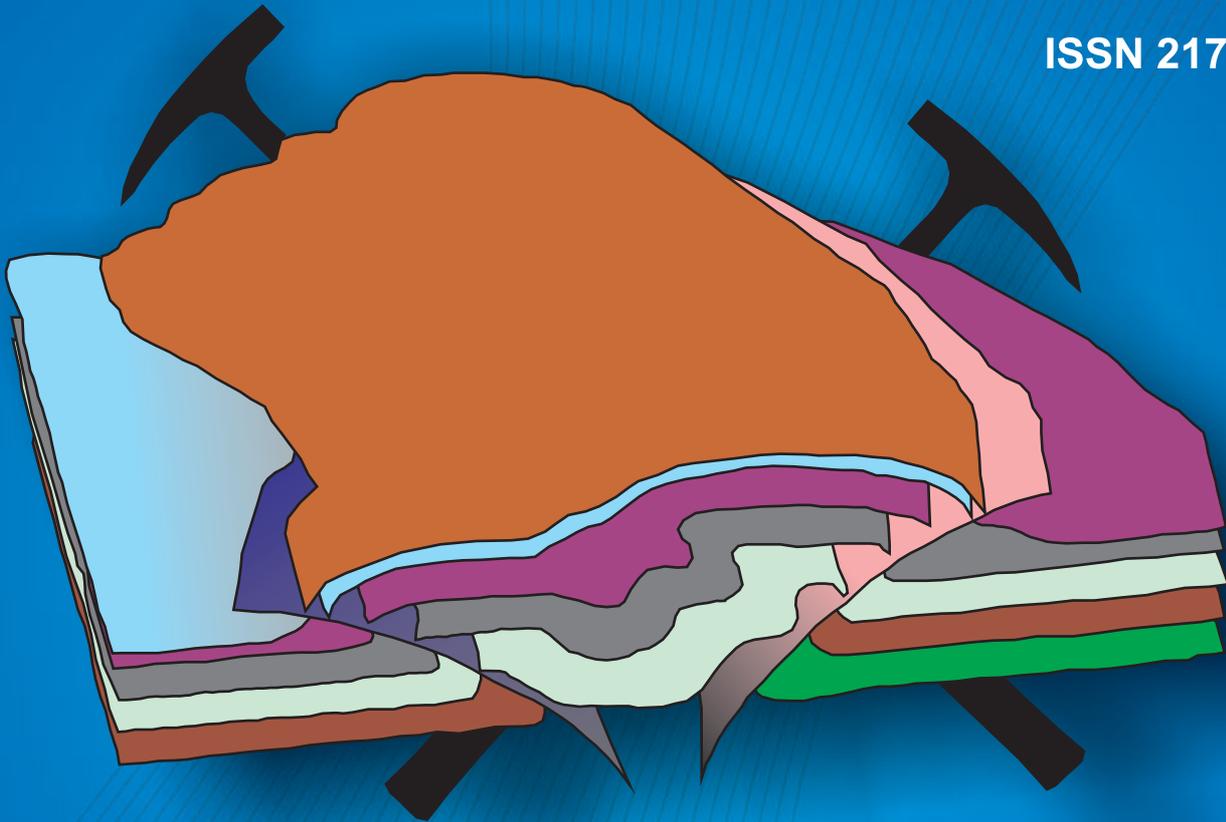


Anais do XI Simpósio de Geologia do Sudeste

II SIMPÓSIO DO SUDESTE
XV SIMPÓSIO DE GEOLOGIA DE MINAS GERAIS

GRANDE COLISÃO PRECAMBRIANA DO SUDESTE BRASILEIRO E
SUA RELAÇÃO COM A GEOLOGIA ESTRUTURAL - EBERT & HASUI (1998)

ISSN 2175-697X



SÃO PEDRO (SP) - Hotel Fazenda Fonte Colina Verde
14 a 17 de outubro de 2009

EDITORES

Fábio Braz Machado
Iata Anderson de Souza
Norberto Morales
José Alexandre de Jesus Perinotto
Andréa Simone Venancio
Camila Hallite

REALIZAÇÃO

NÚCLEO SÃO PAULO



NÚCLEO RIO DE JANEIRO - ESPÍRITO SANTO



NÚCLEO MINAS GERAIS



PROMOÇÃO



ROMPENDO MUROS: A EXPERIÊNCIA DO MUSEU DA GEODIVERSIDADE DA UFRJ

Ismar de Souza Carvalho¹; Patrícia Danza Greco¹; Kátia Leite Mansur²; Emílio Velloso Barroso¹; João Graciano Mendonça Filho¹; Leonardo Fonseca Borghi de Almeida¹

¹ Departamento de Geologia, Instituto de Geociências, CCMN – UFRJ (ismar@geologia.ufrj.br); ² Projeto Caminhos Geológicos, DRM-RJ

O Museu da Geodiversidade da UFRJ foi concebido com a intenção de se constituir em um espaço de divulgação das geociências, demonstrando que na Terra há uma profunda conexão entre a vida e o local onde ela se desenvolve, ou seja, entre a biodiversidade e a geodiversidade, desde o passado até o presente. Busca, desta forma, a difusão do conhecimento acerca da Terra, de seus ambientes e da história de suas transformações.

Sua origem relaciona-se às coleções depositadas no Departamento de Geologia da UFRJ, anterior à própria criação do curso de Geologia, já que incorporou os materiais advindos da Faculdade Nacional de Filosofia. No decorrer de 70 anos houve um acentuado aumento deste acervo, que abrange minerais, alguns raros, do país e exterior, rochas e fósseis, bem como material resultante da pesquisa acadêmica de docentes e discentes. Trata-se de uma coleção composta por mais de 25.000 exemplares de minerais e fósseis, de algumas centenas de tipos petrológicos, lâminas petrográficas e palinológicas, microfósseis, materiais geotécnicos, rochas ornamentais, mapas, instrumental científico e outros objetos que relatam a história do ensino e da pesquisa geológica em nosso país.

Os objetivos do Museu da Geodiversidade abrangem: resgate do patrimônio geológico e paleontológico através da manutenção das coleções científicas do Departamento de Geologia - UFRJ; demonstração da importância das geociências para as atividades econômicas e para melhoria das condições de vida da população; revitalização do espaço científico do Departamento de Geologia, com finalidade de desenvolvimento de atividades educacionais voltadas para o ensino das Ciências da Terra na Educação Básica; apoio aos professores do Departamento de Geologia e de outras unidades universitárias para que possam complementar informações de caráter prático na qualificação de discentes universitários; disponibilização do acervo para que alunos da rede escolar do Ensino Fundamental e Médio municipal, estadual, federal e particular observem e examinem as coleções, propiciando aos mesmos a possibilidade de realizar trabalhos escolares, incentivando, ao mesmo tempo, o seu interesse pelas ciências geológicas; recuperação do acervo para apresentação da história geológica e paleobiológica da Terra, com uma “sensibilização” do público para a compreensão dos eventos geológicos, sua magnitude e implicações para as atividades humanas.

O foco estratégico está em receber escolas, tanto alunos como professores, para visitas ao espaço expositivo, palestras e oficinas. Para melhorar a qualidade da informação, além de mediadores em Geologia e Geografia, foram selecionados graduandos da Escola de Belas Artes e da Faculdade de Letras para compor a equipe do museu (com bolsas de programas de extensão e de iniciação artístico-cultural da UFRJ). O material utilizado nas oficinas vem sendo desenvolvido nesse contexto, que relaciona ciência e arte. A equipe também realiza atividades externas ao Museu e se integra a outros espaços, disponibilizando parte do seu acervo para mostras, o que amplia o alcance de suas ações. Além disso, foi iniciado no seu entorno um processo de musealização dos afloramentos rochosos que compõem a paisagem da Cidade Universitária, pela implantação de painéis interpretativos do projeto Caminhos Geológicos.

Este projeto conta com o apoio da FINEP, do CNPq e da FAPERJ.

116

UMA EXPOSIÇÃO DE ROCHAS E MINERAIS PARA DIVULGAÇÃO DA HISTÓRIA DA CIÊNCIA E PARA O CONHECIMENTO: A GEOLOGIA NO TRAJETO DE CHARLES DARWIN NO ESTADO DO RIO DE JANEIRO

Kátia Leite Mansur¹; Fátima Brito²; Vitor Manoel Rodrigues do Nascimento¹; Renato Rodriguez Cabral Ramos³

¹ Projeto Caminhos Geológicos, DRM-RJ (kmansur@drm.rj.gov.br); ² Casa da Ciência da UFRJ;

³ Dept. de Geologia e Paleontologia, Museu Nacional/UFRJ

Desde 2008 o Ministério da Ciência e Tecnologia lançou o projeto Caminhos de Darwin no Estado do Rio de Janeiro, com coordenação técnica da Casa da Ciência da UFRJ e do Projeto Caminhos Geológicos do DRM-RJ. Trata-se de numa parceria que envolve comunidades, professores, alunos, pesquisadores, instituições e empresas públicas e privadas, bem como cidadãos de 12 municípios do estado por onde o naturalista britânico Charles Darwin passou em 1832, quando de sua célebre viagem ao redor do mundo a bordo do HMS Beagle. As ações do projeto fazem parte das comemorações, em 2009, do bicentenário do nascimento de Darwin e 150 anos de lançamento do seu livro *Origem das Espécies*, e envolvem atividades didáticas, artísticas e científicas. Em novembro de 2008 foi realizada uma expedição pelos 12 municípios por onde Darwin passou numa excursão pelo Estado do Rio de Janeiro, onde uma das atrações levadas às localidades foi uma exposição de rochas, minerais, solos e sedimentos diversos, representativos das diversas ambiências geológicas do trajeto. Inicialmente decidiu-se por coletar duas amostras por município, além de selecionados alguns outros pontos adicionais por sua importância ou raridade da ocorrência. As amostras foram coletadas em pontos descritos nos diários e/ou caderneta de campo de Darwin, ou em localidades por onde ele passou, cujo roteiro foi traçado por levantamentos em mapas dos séculos 18, 19 e 20 e buscando cobrir o maior número de litotipos. A distribuição da coleta de amostras por localidade foi a seguinte: (1) Rio de Janeiro - gnaíse facoidal e leptinito, descritos por Darwin em suas caminhadas ao Corcovado e Botafogo; (2) Niterói - pegmatito e gnaíse facoidal, existentes na estrada do Vai-e-Vem, na Serra da Tiririca, por onde o naturalista iniciou sua excursão pelo interior fluminense; (3) Maricá - granito porfirítico da Pedra de Itaocia e paragnaisse milonítico; (4) Saquarema - *beachrock* descrito em 9 de abril de 1832 e biotita-gnaíse da Serra do Mato Grosso, cujo reflexo na Lagoa de Saquarema foi relatado; (5) Araruama - conchas das lagunas hipersalinas e o sal; (6) São Pedro da Aldeia - brecha tectônica e diabásio; (7) Cabo Frio - conchas da paleolaguna da Reserva de Tauá e seixos da Formação Barreiras; (8) Casimiro de Abreu - sienito com magnetita do Morro de São João e depósitos fluviais em paleocanais; (9) Macaé - ortognaisse da Unidade Região dos Lagos e areia da Lagoa de Imboassica, onde Darwin coletou um peixe; (10) Conceição de Macabu - biotita-granada gnaíse fresco e alterado; (11) Rio Bonito - nefelina sienito e solo de alteração de gnaíse, descrito como fértil por Darwin; (12) Itaboraí - sedimentos da Formação Caceribu e de calcário com fósseis de gastrópodes; e (13) Outros - petróleo da Bacia de Campos, fluorita de Tanguá e pseudomorfo de pseudoleucita de Rio das Ostras foram adicionados. As amostras foram colocadas em caixas, com etiquetas no mesmo padrão do material de divulgação do projeto, onde consta o mapa do roteiro percorrido, o local de coleta, o nome, tipo, idade e importância/uso de cada amostra. Além disto, um cartão com a informação sobre o fato de Darwin ter visto/descrito ou não aquele material, complementou a informação geológica, o que permite o uso da exposição como um jogo, se avaliada em conjunto com a leitura do diário do naturalista. A exposição foi muito bem aceita pela comunidade escolar e uma versão em caixa apropriada está sendo confeccionada para itinerar por todos os municípios envolvidos. Gerou, também, o interesse das municipalidades em coletar amostras e confeccionar exposições típicas de seus territórios com o apoio da equipe do projeto.